



PROCESSO SELETIVO À MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNA 2019 – MOBILIN 2019

EDITAL Nº 04 – COPERPS, DE 22 DE AGOSTO DE 2019

27 de outubro de 2019

BOLETIM DE QUESTÕES

Nome: _____ Nº de Inscrição: _____

ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

Comunicação Social (Jornalismo; Publicidade e Propaganda); Língua Alemã; Língua Francesa; Língua Inglesa; Língua Portuguesa; Produção Multimídia e Museologia.

LEIA COM MUITA ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES SEGUINTES.

- 1 Confira se o **Boletim** que você recebeu corresponde ao curso ao qual você está inscrito, conforme consta no seu cartão de inscrição e cartão resposta. Caso contrário comunique ao fiscal de sala.
- 2 Este **Boletim** contém a **PROVA OBJETIVA**.
- 3 O **Boletim de Questões** consistirá de **40 (quarenta) questões de múltipla escolha**, sendo **10 (dez) questões de Língua Portuguesa, 10 (dez) questões de Literatura, 10 (dez) questões de Filosofia e 10 (dez) questões de História**. Cada questão objetiva apresenta 5 (cinco) alternativas. Identificadas por **(A), (B), (C), (D) e (E)**, das quais apenas uma é correta.
- 4 Confira se, além deste **Boletim**, você recebeu o **Cartão-Resposta**, destinado à marcação das respostas das questões objetivas.
- 5 É necessário conferir se a prova está completa e sem falhas, bem como se seu nome e o número de sua inscrição conferem com os dados contidos no **Cartão-Resposta**. Em caso de divergência, comunique imediatamente o fiscal de sala.
- 6 O **Cartão-Resposta** só será substituído se nele for constatado falha de impressão.
- 7 Será de exclusiva responsabilidade do candidato a certificação de que o **Cartão-Resposta** que lhe for entregue no dia da prova é realmente o seu. Não deverá ser dobrado, amassado, rasurado, manchado ou danificado de qualquer modo.
- 8 Após a conferência, assine seu nome no espaço próprio do **Cartão-Resposta**.
- 9 No **Cartão-Resposta** não serão computadas as questões cujas alternativas estiverem sem marcação, com marcação a lápis (grafite), com mais de uma alternativa marcada e aquelas que contiverem qualquer espécie de corretivo sobre as alternativas.
- 10 A marcação do **Cartão-Resposta** deve ser feita com **caneta esferográfica de tinta preta ou azul**.
- 11 O **Cartão-Resposta** será o único documento considerado para a correção. O **Boletim de Questões** deve ser usado apenas como rascunho e não valerá, sob hipótese alguma, para efeito de correção.
- 12 O tempo disponível para esta prova é de **três horas**, com início às **14 horas e término às 17 horas**, observado o horário de Belém/PA.
- 13 O candidato deverá permanecer obrigatoriamente no local de realização da prova por, no mínimo, **uma hora** após o início da prova.
- 14 Ao terminar a prova, o candidato deverá entregar ao fiscal de sala o **Boletim de Questões** e o **Cartão-Resposta**, e assinar a lista de presença.
- 15 Após às **16h30min** o candidato poderá solicitar ao fiscal levar este **Boletim de Questões**.

Boa Prova!



MARQUE A ÚNICA ALTERNATIVA CORRETA NAS QUESTÕES DE 1 A 40.

LÍNGUA PORTUGUESA

O paradoxo da criação

Gilberto Verardo (psicólogo)

1 Se a estrutura de uma dada sociedade cria obstáculos ao amadurecimento das personalidades de
2 seus cidadãos poderá ser chamada de neurótica, pois cerca o desenvolvimento pessoal. Se uma pessoa é
3 capaz de desempenhar o papel social que lhe cabe, mesmo se diluindo individualmente como parte de uma
4 imensa máquina econômica, exercendo papéis ocupacionais cada vez mais especializados, ou seja, tarefas
5 cada vez mais localizadas e restritas como instrumento para o crescimento dos potenciais da pessoa, com
6 uma evolução crescente do poder do capital monopolista, crises econômicas intermináveis provocadas pelo
7 capital especulativo, desemprego e conflitos variados, é possível levantar uma questão crucial. O modelo
8 social continua adequado ao processo civilizatório saudável?

9 Não se pode negar que o capitalismo não só libertou o homem dos grilhões tradicionais como
10 igualmente contribuiu para o incremento da liberdade positiva, para a ampliação de ego ativo, crítico e
11 responsável. No entanto, se bem que esse fosse um dos efeitos do capitalismo sobre a marcha da liberdade
12 em expansão, ao mesmo tempo tornou o indivíduo cada vez mais isolado, solitário e imbuído de uma
13 sensação de insignificância e impotência. No capitalismo, a atividade econômica, o sucesso, as vantagens
14 materiais passam a ser fins em si mesmos. O destino do homem torna-se contribuir para o crescimento do
15 sistema econômico, ajuntar capital, não tendo em vista sua própria felicidade, mas como uma finalidade
16 última. Converteu-se em um dente da engrenagem da vasta máquina econômica. O homem construiu seu
17 mundo: ergue fábricas e casas, produz automóveis e roupas, cultiva grãos e frutos. Porém, alienou-se do
18 produto de suas próprias mãos, não é mais, de fato, o senhor do mundo que construiu. Tornou-se um
19 instrumento para fins da própria máquina concebida por suas mãos. A concentração de capital (não de
20 riqueza) em certos setores do nosso sistema econômico restringiu as possibilidades de êxito da iniciativa,
21 coragem e inteligência individuais. Parece que ter um emprego, qualquer que seja, é tudo o que muitos
22 podem desejar da vida e devem ser gratos por isso. O homem foi engolido por sua criação. Mas ele precisa
23 de um significado, de uma identidade pessoal e de um pouco de autoestima. Sua sensação de pertencimento
24 foi absorvida pelo sistema. As principais rotas sociais de fuga do isolamento, solidão e desamparo é
25 submeter-se a uma liderança religiosa, política ou econômica, além do conformismo compulsivo que
26 prevalece em nossa própria democracia pelas dificuldades de efetivamente participar da vida social. Em um
27 esforço para escapar à solidão e à impotência cidadã, estamos dispostos a nos descartar do nosso EU, seja
28 nos submetendo a novas formas de autoridade, seja nos conformando compulsivamente com padrões
29 aceitos e ditados pelo sistema. Estamos prontos a aceitar um “auxiliar mágico” a que se refere Erich Fromm
30 em seu livro “O Medo à Liberdade”, diante da incapacidade de expressar plenamente as próprias
31 potencialidades. Tudo é ditado pelo mercado, até seu estilo de vida.

32 Temos realmente liberdade de escolher nosso próprio modo de vida? A internet e seus graciosos
33 brinquedos amenizam a solidão e o desamparo pessoal, que termina por ser um lugar interior que a pessoa
34 encontra para dar um tempo e ver se encontra seu EU, sua autenticidade, sua originalidade de volta, pois
35 até isso lhe foi tirado pela máquina. Reproduzimos tudo. Nossas ideias originais foram sufocadas em nome
36 do bom funcionamento do sistema que reina absoluto sobre todos os destinos. Sinais de profundas
37 mudanças incluem a insatisfação generalizada nas instituições porta-vozes do sistema. As coisas velhas
38 ainda não morreram e coisas novas começam a surgir, algumas com alma retrô. Mas já é um movimento
39 para sair do conformismo sufocante. As mudanças climáticas podem funcionar como uma catarse global em
40 direção às mudanças que todos querem. Não pode o caos climático ser a vacina que despertará
41 consciências?

CORREIO DO ESTADO (Campo Grande), 12 SET 19
Com Adaptação.



- 1 A relação do título “O paradoxo da criação” com o conteúdo desenvolvido no texto está evidente no trecho
- (A) “Se a estrutura de uma dada sociedade cria obstáculos ao amadurecimento das personalidades de seus cidadãos poderá ser chamada de neurótica, pois cerca o desenvolvimento pessoal.” (linhas 1 e 2)
 - (B) “O destino do homem torna-se contribuir para o crescimento do sistema econômico, ajuntar capital, não tendo em vista sua própria felicidade, mas como uma finalidade última.” (linhas 14 a 16)
 - (C) “Não se pode negar que o capitalismo não só libertou o homem dos grilhões tradicionais como igualmente contribuiu para o incremento da liberdade positiva, para a ampliação de ego ativo, crítico e responsável.” (linhas 9 a 11)
 - (D) “O homem construiu seu mundo: ergue fábricas e casas, produz automóveis e roupas, cultiva grãos e frutos. Porém, alienou-se do produto de suas próprias mãos, não é mais, de fato, o senhor do mundo que construiu. Tornou-se um instrumento para fins da própria máquina concebida por suas mãos.” (linhas 16 a 19)
 - (E) “As principais rotas sociais de fuga do isolamento, solidão e desamparo é submeter-se a uma liderança religiosa, política ou econômica, além do conformismo compulsivo que prevalece em nossa própria democracia pelas dificuldades de efetivamente participar da vida social.” (linhas 24 a 26)
- 2 Considerando-se que o texto “O paradoxo da criação” se desenvolve em torno do posicionamento discursivo do autor de que o cidadão tem sua individualidade e criatividade anuladas no sistema capitalista, o trecho que resume bem esse posicionamento é
- (A) “No capitalismo, a atividade econômica, o sucesso, as vantagens materiais passam a ser fins em si mesmos.” (linhas 13 e 14)
 - (B) “O destino do homem torna-se contribuir para o crescimento do sistema econômico (...)” (linhas 14 e 15)
 - (C) “Porém, alienou-se do produto de suas próprias mãos, não é mais, de fato, o senhor do mundo que construiu.” (linhas 17 e 18)
 - (D) “Parece que ter um emprego, qualquer que seja, é tudo o que muitos podem desejar da vida e devem ser gratos por isso.” (linhas 21 e 22)
 - (E) “Tudo é ditado pelo mercado, até seu estilo de vida.” (linha 31)
- 3 Na representação, em linguagem figurada, do que é o capitalismo, o autor constrói uma **metáfora** na seguinte passagem do texto:
- (A) “No entanto, se bem que esse fosse um dos efeitos do capitalismo sobre a marcha da liberdade em expansão, ao mesmo tempo tornou o indivíduo cada vez mais isolado, solitário e imbuído de uma sensação de insignificância e impotência.” (linhas 11 a 13)
 - (B) “O destino do homem torna-se contribuir para o crescimento do sistema econômico, ajuntar capital, não tendo em vista sua própria felicidade, mas como uma finalidade última. Converteu-se em um dente da engrenagem da vasta máquina econômica.” (linhas 14 a 16)
 - (C) “A concentração de capital (não de riqueza) em certos setores do nosso sistema econômico restringiu as possibilidades de êxito da iniciativa, coragem e inteligência individuais.” (linhas 19 a 21)
 - (D) “O homem construiu seu mundo: ergue fábricas e casas, produz automóveis e roupas, cultiva grãos e frutos. Porém, alienou-se do produto de suas próprias mãos, não é mais, de fato, o senhor do mundo que construiu.” (linhas 16 a 18)
 - (E) “As principais rotas sociais de fuga do isolamento, solidão e desamparo é submeter-se a uma liderança religiosa, política ou econômica, além do conformismo compulsivo que prevalece em nossa própria democracia pelas dificuldades de efetivamente participar da vida social.” (linhas 24 a 26)



- 4 Para se resguardar de fazer uma afirmação categórica na avaliação negativa que faz do capitalismo – e evitar, assim, a contestação pelo leitor –, o autor recorreu à estratégia de **modalização do enunciado** no seguinte trecho:
- (A) “Se uma pessoa é capaz de desempenhar o papel social que lhe cabe, mesmo se diluindo individualmente como parte de uma imensa máquina econômica, exercendo papéis ocupacionais cada vez mais especializados (...)” (linhas 2 a 4)
 - (B) “Não se pode negar que o capitalismo não só libertou o homem dos grilhões tradicionais como igualmente contribuiu para o incremento da liberdade positiva, para a ampliação de ego ativo, crítico e responsável.” (linhas 9 a 11)
 - (C) “No entanto, se bem que esse fosse um dos efeitos do capitalismo sobre a marcha da liberdade em expansão, ao mesmo tempo tornou o indivíduo cada vez mais isolado, solitário e imbuído de uma sensação de insignificância e impotência.” (linhas 11 a 13)
 - (D) “Parece que ter um emprego, qualquer que seja, é tudo o que muitos podem desejar da vida e devem ser gratos por isso. O homem foi engolido por sua criação.” (linhas 21 e 22)
 - (E) “As coisas velhas ainda não morreram e coisas novas começam a surgir, algumas com alma retrô.” (linhas 37 e 38).
- 5 Nas afirmações sobre o capitalismo, o autor argumentou criticamente contra esse sistema. Entre os enunciados abaixo, aquele que **não** representa um argumento em favor da tese contra o capitalismo é
- (A) “O destino do homem torna-se contribuir para o crescimento do sistema econômico, ajuntar capital, não tendo em vista sua própria felicidade, mas como uma finalidade última.” (linhas 14 a 16)
 - (B) “A concentração de capital (não de riqueza) em certos setores do nosso sistema econômico restringiu as possibilidades de êxito da iniciativa, coragem e inteligência individuais.” (linhas 19 a 21)
 - (C) “Não se pode negar que o capitalismo não só libertou o homem dos grilhões tradicionais como igualmente contribuiu para o incremento da liberdade positiva, para a ampliação de ego ativo, crítico e responsável.” (linhas 9 a 11)
 - (D) “No entanto, se bem que esse fosse um dos efeitos do capitalismo sobre a marcha da liberdade em expansão, ao mesmo tempo tornou o indivíduo cada vez mais isolado, solitário e imbuído de uma sensação de insignificância e impotência.” (linhas 11 a 13)
 - (E) “Nossas ideias originais foram sufocadas em nome do bom funcionamento do sistema que reina absoluto sobre todos os destinos.” (linhas 35 e 36)
- 6 No texto, ao expressar **uma consequência** do capitalismo, o autor constrói o enunciado em **linguagem conotativa**, visando a dar mais expressividade ao que enuncia. É o que se identifica na alternativa
- (A) “No capitalismo, a atividade econômica, o sucesso, as vantagens materiais passam a ser fins em si mesmos.” (linhas 13 e 14)
 - (B) “O homem construiu seu mundo: ergue fábricas e casas, produz automóveis e roupas, cultiva grãos e frutos.” (linhas 16 e 17)
 - (C) “A concentração de capital (não de riqueza) em certos setores do nosso sistema econômico restringiu as possibilidades de êxito da iniciativa, coragem e inteligência individuais.” (linhas 19 a 21)
 - (D) “Parece que ter um emprego, qualquer que seja, é tudo o que muitos podem desejar da vida e devem ser gratos por isso.” (linhas 21 e 22)
 - (E) “Nossas ideias originais foram sufocadas em nome do bom funcionamento do sistema que reina absoluto sobre todos os destinos.” (linhas 35 e 36)
- 7 No trecho “Se uma pessoa é capaz de desempenhar o papel social que lhe cabe, mesmo se diluindo individualmente como parte de uma imensa máquina econômica, exercendo papéis ocupacionais cada vez mais especializados, ou seja, tarefas cada vez mais localizadas e restritas como instrumento para o crescimento dos potenciais da pessoa, com uma evolução crescente do poder do capital monopolista, crises econômicas intermináveis provocadas pelo capital especulativo, desemprego e conflitos variados, é possível levantar uma questão crucial” (linhas 2 a 7), o conector “**ou seja**” é um recurso gramatical com a função de sinalizar que será inserida no texto uma
- (A) exemplificação.
 - (B) explicação.
 - (C) retificação.
 - (D) descrição.
 - (E) síntese.



- 8 Na construção da argumentação do texto “Paradoxo da Criação”, manifesta-se uma oposição de pontos de vista na relação entre os enunciados (gramaticalmente expressa pela construção de uma oração subordinada concessiva) no trecho
- (A) “Não se pode negar que o capitalismo não só libertou o homem dos grilhões tradicionais como igualmente contribuiu para o incremento da liberdade positiva, para a ampliação de ego ativo, crítico e responsável.” (linhas 9 a 11)
 - (B) “No entanto, se bem que esse fosse um dos efeitos do capitalismo sobre a marcha da liberdade em expansão, ao mesmo tempo tornou o indivíduo cada vez mais isolado, solitário e imbuído de uma sensação de insignificância e impotência.” (linhas 11 a 13)
 - (C) “As principais rotas sociais de fuga do isolamento, solidão e desamparo é submeter-se a uma liderança religiosa, política ou econômica, além do conformismo compulsivo que prevalece em nossa própria democracia pelas dificuldades de efetivamente participar da vida social.” (linhas 24 a 26)
 - (D) “Em um esforço para escapar à solidão e à impotência cidadã, estamos dispostos a nos descartar do nosso EU, seja nos submetendo a novas formas de autoridade, seja nos conformando compulsivamente com padrões aceitos e ditados pelo sistema.” (linhas 26 a 29)
 - (E) “A internet e seus graciosos brinquedos amenizam a solidão e o desamparo pessoal, que termina por ser um lugar interior que a pessoa encontra para dar um tempo e ver se encontra seu EU, sua autenticidade, sua originalidade de volta, pois até isso lhe foi tirado pela máquina.” (linhas 32 a 35)
- 9 Na reescrita dos trechos abaixo, fez-se uma alteração na pontuação (e às vezes na ordem dos constituintes do enunciado). O trecho reescrito em **desacordo** com regras de pontuação que normatizam a escrita é o da alternativa
- (A) “Não se pode negar que o capitalismo não só libertou o homem dos grilhões tradicionais como igualmente contribuiu para o incremento da liberdade positiva, para a ampliação de ego ativo, crítico e responsável.” (linhas 9 a 11) / Não se pode negar que o capitalismo não só libertou o homem dos grilhões tradicionais como, igualmente, contribuiu para o incremento da liberdade positiva, para a ampliação de ego ativo, crítico e responsável.
 - (B) “O homem construiu seu mundo: ergue fábricas e casas, produz automóveis e roupas, cultiva grãos e frutos. Porém, alienou-se do produto de suas próprias mãos, não é mais, de fato, o senhor do mundo que construiu.” (linhas 16 a 18) / O homem construiu seu mundo: ergue fábricas e casas, produz automóveis e roupas, cultiva grãos e frutos, porém alienou-se do produto de suas próprias mãos, não é mais, de fato, o senhor do mundo que construiu.
 - (C) “No capitalismo, a atividade econômica, o sucesso, as vantagens materiais passam a ser fins em si mesmos.” (linhas 13 e 14) / A atividade econômica, o sucesso, as vantagens materiais passam a ser fins em si mesmos no capitalismo.
 - (D) “O homem foi engolido por sua criação. Mas ele precisa de um significado, de uma identidade pessoal e de um pouco de autoestima.” (linhas 22 e 23) / O homem foi engolido por sua criação, mas ele precisa de um significado, de uma identidade pessoal e de um pouco de autoestima.
 - (E) “As mudanças climáticas podem funcionar como uma catarse global em direção às mudanças que todos querem. Não pode o caos climático ser a vacina que despertará consciências?” (linhas 39 a 41) / As mudanças climáticas podem funcionar como uma catarse global em direção às mudanças que todos querem. Não pode o caos climático ser a vacina, que despertará consciências?



- 10 A **elipse do sujeito gramatical** está funcionando como um **mecanismo de coesão** entre os segmentos textuais que constituem o seguinte trecho:
- (A) “O homem construiu seu mundo: ergue fábricas e casas, produz automóveis e roupas, cultiva grãos e frutos. Porém, alienou-se do produto de suas próprias mãos, não é mais, de fato, o senhor do mundo que construiu. Tornou-se um instrumento para fins da própria máquina concebida por suas mãos.” (linhas 16 a 19)
- (B) “Parece que ter um emprego, qualquer que seja, é tudo o que muitos podem desejar da vida e devem ser gratos por isso. O homem foi engolido por sua criação. Mas ele precisa de um significado, de uma identidade pessoal e de um pouco de autoestima.” (linhas 21 a 23)
- (C) “Em um esforço para escapar à solidão e à impotência cidadã, estamos dispostos a nos descartar do nosso EU, seja nos submetendo a novas formas de autoridade, seja nos conformando compulsivamente com padrões aceitos e ditados pelo sistema.” (linhas 26 a 29)
- (D) “Temos realmente liberdade de escolher nosso próprio modo de vida? A internet e seus graciosos brinquedos amenizam a solidão e o desamparo pessoal, que termina por ser um lugar interior que a pessoa encontra para dar um tempo e ver se encontra seu EU, sua autenticidade, sua originalidade de volta, pois até isso lhe foi tirado pela máquina.” (linhas 32 a 35)
- (E) “As mudanças climáticas podem funcionar como uma catarse global em direção às mudanças que todos querem. Não pode o caos climático ser a vacina que despertará consciências?” (linhas 39 a 41)

LITERATURA

- 11 Tradicionalmente, os gêneros literários tripartem-se em: lírico, épico e dramático.
Sobre gênero literário, é correto afirmar:
- (A) O gênero lírico tem como desdobramentos mais importantes o romance e o conto.
(B) O gênero épico é marcado por um sujeito que se distancia do objeto sobre o qual se refere.
(C) O gênero dramático é marcado por um sujeito que se funde ao objeto sobre o qual se refere.
(D) O gênero lírico tem como marca estilística o diálogo.
(E) O gênero épico é caracterizado pelo presente como tempo verbal.
- 12 Leia o poema de Gregório de Matos Guerra, considerado o poeta mais relevante do Barroco brasileiro.
- Ó tu do meu amor fiel traslado
Mariposa, entre as chamas consumida,
Pois se à força do ardor perdes a vida,
A violência do fogo me há prostrado.
Tu de amante o teu fim hás encontrado,
Essa flama girando apeteçada,
Eu girando uma penha endurecida,
No fogo, que exalou, morro abrasado.
Ambos, de firmes anelando chamas,
Tu a vida deixas, eu a morte imploro,
Nas constâncias iguais, iguais nas famas.
Mas, ai!, que a diferença entre nós choro;
Pois acabando tu ao fogo, que amas,
Eu morro, sem chegar à luz, que adoro.
- (MATOS, Gregório de. In: WISNICK, José Miguel (Seleção, introdução e notas). *Gregório de Matos. Poemas escolhidos*. São Paulo, Cultrix, 1997)
- Sobre o poema e seu autor, é correto afirmar:
- (A) O soneto faz parte da poesia de circunstância do autor, o que se comprova pela presença da palavra *mariposa*, na primeira estrofe.
(B) O soneto faz parte da lírica religiosa do autor, que se utilizava de diferentes elementos para demonstrar um sentimento sagrado pela natureza.
(C) No soneto, o eu lírico estabelece relações de simetria e assimetria entre a fatalidade do destino da Mariposa e o sofrimento em que ele se debate.
(D) No soneto, a palavra Mariposa é o elemento formal de disseminação e recolha, muito utilizado pelos poetas barrocos.
(E) O soneto é construído por meio da reiteração e da hipérbole, figuras distintivas na poética barroca para representar a dialética amor e morte.



- 13 Leia o poema de Manoel Maria Barbosa du Bocage, poeta do Arcadismo português.

Já o Inverno, espremendo as cãs nevosas,
Geme, de horrendas nuvens carregado;
Luz o aéreo fuzil, e o mar inchado
Investe ao pólo em serras escumosas;
Ó benignas manhãs!, tardes saudosas,
Em que folga o pastor, medrando o gado,
Em que brincam no ervoso e fértil prado
Ninfas e Amores, Zéfiros e Rosas!
Voltai, retrocedei, formosos dias:
Ou antes vem, vem tu, doce beleza
Que noutros campos mil prazeres crias;
E ao ver-te sentirá minha alma acesa
Os perfumes, o encanto, as alegrias,
Da estação que remoça a natureza.

(BOCAGE, Manuel Maria du. In: Bocage - Poemas escolhidos - *Escritas.org*. <https://www.escritas.org> Bocage).

Em relação ao poema e ao Arcadismo, estética em que se insere, é correto afirmar:

- (A) Em contraste com as demais, a primeira estrofe estabelece uma antítese ao não retratar o espaço como um *locus amoenus*, o que era próprio do Arcadismo.
- (B) As palavras *pastor*, *ninfas*, *zéfiros*, da segunda estrofe, não são suficientes para ilustrar o bucolismo do poema, traço do Arcadismo.
- (C) A natureza, personificada no poema, ilustra o contraste entre inverno e primavera, assim como a fuga do eu lírico em função da frustração do amor.
- (D) O último terceto do poema reitera o sentido do primeiro quarteto, garantindo a circularidade do tema, conforme a estética do Arcadismo.
- (E) A presença das exclamações, na segunda estrofe, revela entusiasmo exagerado do eu lírico, contrariando as regras da contenção do Arcadismo.

- 14 Leia o trecho do romance *Iracema*, de José de Alencar.

O grande chefe pitiguara levou além o formidável tacape. Renhiu-se o combate entre Irapuã e Martim. A espada do cristão, batendo na clava do selvagem, fez-se em pedaços. O chefe tabajara avançou contra o peito inerme do adversário.

Iracema silvou como a boicininga, e arrojou-se contra a fúria do guerreiro tabajara. A arma rígida tremeu na destra possante do chefe e o braço caiu-lhe desfalecido.

Soava a pocema da vitória. Os guerreiros pitiguaras conduzidos por Jacaúna e Poti varriam a floresta. Fugindo os tabajaras, arrebataram seu chefe ao ódio da filha de Araquém que o podia abater, como a jandaia abate o prócero coqueiro roendo-lhe o cerne.

Os olhos de Iracema, estendidos pela floresta, viram o chão juncado de cadáveres de seus irmãos: e longe o bando dos guerreiros tabajaras que fugia em nuvem negra de pó. Aquele sangue, que enrubescia a terra, era o mesmo sangue brioso que lhe ardia nas faces de vergonha.

O pranto orvalhou seu lindo semblante.

Martim afastou-se para não envergonhar a tristeza de Iracema.

(ALENCAR, José. *Iracema*. In: SANTIAGO, Silviano. *Romances para estudo. Iracema. José de Alencar*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975)

Boicininga: cobra (o mesmo que cascavel); pocema: grito, alarido; jandaia (ave)

Sobre o texto, é correto afirmar que

- (A) revela a maldade de Iracema, capaz de tentar assassinar um guerreiro tabajara de sua tribo para defender Martim, o branco português por quem estava apaixonada.
- (B) revela a hipocrisia de Iracema, que abandonou seus irmãos tabajaras pelo branco português, por ele é capaz de matar, mas chora ao ver quantos irmãos seus de tribo foram mortos.
- (C) a boicininga representa, no texto, não só a agilidade de Iracema, mas a perfídia do amor romântico que induzia à desgraça e à fatalidade.
- (D) a boicininga e a jandaia representam a maldade intrínseca de Iracema e sua capacidade de destruição, o que contradiz a idealização da mulher, no Romantismo.
- (E) o texto revela o sentimento dialético de Iracema que, movida pelo amor ao português branco, abandonou sua tribo e por ele poderia matar seus irmãos. Mas a dor desse ato não a deixa viver em paz.



15 Leia o poema de Castro Alves.

A canção do africano
Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...

De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar...
E à meia voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez pra não o escutar!

"Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!

"O sol faz lá tudo em fogo,
Faz em brasa toda a areia;
Ninguém sabe como é belo
Ver de tarde a papa-ceia!

"Aqueles terras tão grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar ...

"Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro".

O escravo calou a fala,
Porque na úmida sala
O fogo estava a apagar;
E a escrava acabou seu canto,
Pra não acordar com o pranto
O seu filhinho a sonhar!

.....

O escravo então foi deitar-se,
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do sol nascer,
E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser.

E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijá-lo,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo!

(ALVES, Castro. In: *Castro Alves obra completa*. Rio de Janeiro: editora Nova Aguilar, S/A, 1996, p.220-221).

Em relação ao poema, é correto afirmar:

- (A) O poema é a representação do condoreirismo castroalvino, apesar de centrar-se na subjetividade apenas de um escravo.
- (B) O escravo retratado canta uma canção em que idealiza a terra africana e despreza a brasileira.
- (C) A expressão 'bastava escravo ser' sugere que o narrador do poema se conforma com as leis do sistema escravocrata.
- (D) As duas últimas estrofes do poema trazem elementos que demonstram a violência do sistema escravocrata.
- (E) As palavras *coitado* e *desgraçada* demonstram que o eu lírico se desprende do assunto e retrata a cena com objetividade.



16 Leia o texto crítico de Ivan Teixeira.

“O traço mais típico do Simbolismo em Cruz e Sousa corporifica-se no lirismo voltado para o esboço de atmosferas vagas, em composições muito próximas do estilo impressionista. (...) Tais composições são dominadas pelas harmonias imitativas, pela alegoria das cores, pela vagueza, pela abstração, pela configuração ondulante e volátil dos elementos e pela fusão dos sentidos”. (TEIXEIRA, Ivan. “Metafísica e exílio”. In: *Revista Cult, revista brasileira de literatura*, n.º 8, março de 1998, São Paulo: Lemos Editorial, p. 51).

Assinale a alternativa que ilustra corretamente o comentário do crítico.

- (A) Ó carnes que eu amei sangrentamente,/ó volúpias letais e dolorosas,/essências de heliotropos e de rosas/de essência morna, tropical, dolente...
- (B) Vala comum de corpos que apodrecem,/esverdeada gangrena/cobrinando vastidões que fosforescem/sobre a esfera terrena.
- (C) Musselinosas como brumas diurnas/descem do ocaso as sombras harmoniosas/sombras veladas e musselinosas/ para as profundas solidões noturnas.
- (D) O coração de todo ser humano/foi concebido para ter piedade,/para olhar e sentir com caridade,/ficar mais doce o eterno desengano.
- (E) Impotência cruel, ó vã tortura!/Ó Força inútil, ansiedade humana!/Ó círculos dantescos da loucura!/Ó luta, ó luta secular, insana!

17 Leia o trecho do conto *Voluntário*, de Inglês de Sousa.

Chegaram ao porto e avistaram o vapor que fumegava, prestes a partir. As canoas que os deviam conduzir para o paquete estavam prontas. Começou o embarque em boa ordem. Nenhum dos recrutas abraçou amigos e parentes; os adeuses trocaram-se com os olhos e com as mãos, de longe.

Quando as canoas largaram da praia, as mulheres romperam num clamor; e os tapuios, acorados ao fundo da igarité que os separava da ribanceira, seguiam com a vista a terra que recuava, fugindo deles. Tinham os olhos secos, mas amortecidos. Um deixava naquela saudosa praia a mãe doente e entevada, arrastada até ali para soluçar a última despedida ao filho que partia para a guerra. E o voluntário, resignado à morte com que contava nos sertões do sul, tinha o coração apertado, pensando na miséria em que deixava a velhinha, obrigada dali em diante a viver de esmolos. Outro pensava na sua roça nova, aberta pelo S. João havia seis meses apenas, com tanto amor e trabalho, e que seria dentro em breve pasto de capivaras daninhas e de macacos gulosos; ou na montaria de pesca, abandonada no porto, para presa do primeiro ladrão que passasse. Este sonhava com as longas horas de imobilidade ansiosa, nas brumas da antemanhã, de pé na canoa, esperando o primeiro respirar do pirarucu possante; aquele com a gentil namorada, tanto tempo cobiçada e quase noiva, que não teria paciência para esperar-lhe a volta incerta. E todos pálidos, desesperados, sombrios, sentiam no supremo momento da separação que tudo estava perdido, e a morte, uma morte terrível e misteriosa os esperava lá nas terras em que dominava o monstro do Paraguai, devorador de carne humana.

(SOUSA, Inglês de. *Voluntário*. In: *Contos amazônicos/ Inglês de Sousa*. Edição preparada por Sylvia Perlingeiro Paixão. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 21-22).

A respeito do texto e de seu autor, é correto afirmar:

- (A) O texto indica que, no conto, Inglês de Sousa, embora tenha localizado a ação na região amazônica, não caracterizou as personagens como locais, nem utilizou vocabulário regional.
- (B) O último período do texto demonstra o preconceito do autor, que retrata os tapuios como ignorantes, incapazes de traduzir em linguagem simples a Guerra do Paraguai.
- (C) O texto indica sua aproximação com o Modernismo devido à presença do fluxo de consciência para retratar o pensamento dos tapuios embarcados.
- (D) O primeiro período do texto indica a frieza dos recrutas que não abraçaram ninguém ao serem embarcados.
- (E) A objetividade do narrador, atitude própria do realismo, não o impede de retratar as angústias e tristezas dos tapuios embarcados, reforçando a violência do Estado contra aqueles.



- 18 Leia o poema *Neologismo*, de Manuel Bandeira, publicado no livro *Belo Belo*, de 1948.

Neologismo

Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
Intransitivo:
Teodoro, Teodora.

A respeito do poema e de seu autor, é correto afirmar:

- (A) A linguagem do poema destoa da produção poética de Manuel Bandeira, avesso a brincadeiras, a tom jocoso, sempre muito sério e preocupado com a morte.
- (B) A linguagem do poema segue a linha de depuração do autor em busca de simplicidade, mas também de vigor expressivo. Daí o neologismo.
- (C) O poema revela traços da vida de Manuel Bandeira, afeito ao tom confessional, que demonstra, por meio da palavra, um profundo mal-estar no mundo.
- (D) A linguagem do poema revela o esforço do poeta em atingir a contenção, uma vez que veio do Simbolismo e teve dificuldade em seguir a linguagem sintética dos modernistas.
- (E) O neologismo do poema preenche a angústia do eu lírico, que é muito tímido, tem uma vida pacata e não tem coragem de se revelar pessoalmente à amada Teodora.

- 19 O texto abaixo abre o conto *Embargo*, de José Saramago.

Acordou com a sensação aguda de um sonho degolado e viu diante de si a chapa cinzenta e gelada da vidraça, o olho esquadrado da madrugada que entrava, lívido, cortado em cruz e escorrente de transpiração condensada. Pensou que a mulher esquecera de correr o cortinado ao deitar-se, e aborreceu-se: se não conseguisse voltar a dormir já, acabaria por ter o dia estragado. Faltou-lhe porém o ânimo para levantar-se, para tapar a janela: preferiu cobrir a cara com um lençol e virar-se para a mulher que dormia, refugiar-se no calor dela e no cheiro de seus cabelos libertos. Esteve ainda uns minutos à espera, inquieto, a temer a espertina matinal. Mas depois acudiu-lhe a idéia do casulo morno que era a cama e a presença labiríntica do corpo a que se encostava, e, quase a deslizar num círculo lento de imagens sensuais, tornou a cair no sono. O olho cinzento da vidraça foi-se azulando aos poucos, fitando fixo as duas cabeças pousadas na cama, como restos aquecidos de uma mudança para outra casa ou para outro mundo. Quando o despertador tocou, passadas duas horas, o quarto estava claro.

(SARAMAGO, José. *Embargo*. In: *Objeto Quase*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 33).

Em relação ao texto e ao conto, é correto afirmar:

- (A) O texto se abre com ações do cotidiano da personagem, uma amostragem do que se estenderá até o final do enredo.
- (B) O texto indica que a personagem principal é espreitada por figuras sinistras, ainda não decifradas.
- (C) O texto prenuncia a principal característica do personagem protagonista: sua total dependência psicológica da mulher, sua esposa.
- (D) O texto indicia a atmosfera de estranhamento que se estenderá no enredo e acompanhará a trajetória estranha da personagem.
- (E) O texto contraria a continuidade do enredo, que se centra no viver alegre e simples de um pacato e alienado suburbano.



- 20 O texto a seguir pertence ao final do conto *A terceira margem do rio*, de João Guimarães Rosa, publicado no livro *Primeiras Estórias*, em 1962.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rastos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.

(ROSA, João Guimarães. *A terceira margem do rio*. In: BRAITH, Beth. *Guimarães Rosa (Literatura comentada)*. São Paulo: Nova cultural, 1990, p. 110).

Em relação ao texto e ao seu autor, é correto afirmar:

- (A) O texto, narrado em primeira pessoa, segue o processo de uma confissão psicanalítica, própria dos enredos míticos rosianos.
- (B) Não há no texto elementos que demonstrem a pesquisa formal e de linguagem que marca o autor desde seu surgimento na literatura brasileira.
- (C) O texto demonstra a culpa do filho em relação ao pai, tanto que ele intensifica um pedido de perdão.
- (D) A presença do rio, no final do texto, não reforça o significado do título do texto.
- (E) O narrador relembra, aleatoriamente, o encontro fantasmagórico que teve com a figura do pai, no passado.

FILOSOFIA

- 21 “Mas embora o nosso conhecimento comece *com* a experiência, nem por isso todo ele se origina *da* experiência. Pois poderia bem acontecer que mesmo o nosso conhecimento de experiência seja um composto daquilo que recebemos por impressões e daquilo que a nossa própria faculdade de conhecimento (apenas provocada por impressões sensíveis) fornece de si mesma, cujo aditamento não distinguimos daquela matéria-prima antes que um longo exercício nos tenha chamado a atenção para ele e nos tenha tornado aptos a abstraí-lo”.

(KANT, I. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril cultural, B 2)

Sobre a concepção de experiência acima apresentada, é correto afirmar:

- (A) Como todo seguidor de David Hume, Kant é adepto da concepção segundo a qual todo o nosso conhecimento resulta do que nos é dado pela experiência.
- (B) Dado que o conhecimento não só começa *com* a experiência, mas se origina *da* experiência, para Kant esta é a condição *a priori* sem a qual o nosso conhecimento não se organiza.
- (C) A experiência é a constatação imediata dos dados pensados a partir da intuição fenomênica.
- (D) A experiência é um composto em que a matéria, por ser a fonte de todo conteúdo possível, impõe-se à forma subjetiva do sujeito.
- (E) A experiência é uma concatenação de fatos reunidos a partir de um sujeito.



- 22 “As teorias científicas são enunciados universais. Como todas as representações linguísticas, elas são sistemas de signos ou símbolos. Desta forma, não penso que nos ajude muito expressar a diferença entre as teorias universais e os enunciados singulares, dizendo que os últimos são “concretos” enquanto as teorias são *simplesmente* fórmulas simbólicas ou esquemas simbólicos; pois pode-se dizer exatamente a mesma coisa para os mais ‘concretos’ enunciados”.

(POPPER, K. *Lógica da investigação científica*. São Paulo: Abril cultural, 1980, p. 27)

De acordo como o autor formula sua concepção de teoria científica, é possível afirmar

- (A) o caráter lógico-transcendental dos sistemas de signos que compõem os enunciados singulares.
- (B) a natureza meramente artificial, abstrata e linguística das teorias científicas diante da objetividade fatural dos enunciados singulares e concretos.
- (C) que tanto teorias universais quanto enunciados singulares estão sob as mesmas condições sistemáticas e simbólicas.
- (D) a ideia de que só na linguagem genuinamente científica pode-se reconhecer o caráter teórico de um enunciado.
- (E) a diferença radical entre teorias universais e enunciados singulares, entendidos como representações linguísticas.

- 23 “Nossas afirmações ensinam, portanto, a *realidade empírica* do tempo, isto é, a validade objetiva com respeito a todos os objetos que possam ser dados aos sentidos. E uma vez que nossa intuição é sempre sensível, na experiência jamais pode nos ser dado um objeto que não estiver submetido à condição do tempo. Contrariamente, contestamos ao tempo todos os reclamos de realidade absoluta, como se, também sem tomar em consideração a forma de nossa intuição sensível, fosse absolutamente inerente às coisas como condição ou propriedade. Tais propriedades concernentes às coisas em si jamais podem ser dadas pelos sentidos. Nisso consiste, portanto, a *idealidade transcendental do tempo*, segundo a qual o mesmo é absolutamente nada se se abstrai das condições subjetivas da intuição sensível”.

(KANT, I. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 46/47)

Quanto à explanação de Kant sobre o tempo, analise as afirmativas seguintes.

- I Para Kant, como para toda a humanidade até o início do século XX, o tempo é uma entidade absoluta.
- II O tempo é, de uma só vez, uma idealidade e uma realidade, ou seja, subjetivo e objetivo.
- III O tempo é o objeto da intuição sensível e objetiva.
- IV Sem as intuições humanas como condição, o tempo não existe.

Estão corretas

- (A) I e II, somente.
- (B) II e III, somente.
- (C) III e IV, somente.
- (D) II e IV, somente.
- (E) I e IV, somente.

- 24 “A palavra ‘Sociologia’, ciência da sociedade, é uma deformidade, meio latina e meio grega. O caráter artificioso e arbitrário da palavra é uma indicação do nascimento tardio da disciplina (...) O termo, em si, teve sua origem em Augusto Comte, que é geralmente considerado o criador da Sociologia. A sua principal obra sociológica, o *Curso de filosofia positiva*, foi publicada em 1830. A palavras ‘positiva’ enfatizava aqui, com precisão, o caráter que a Sociologia sempre manteria desde então, como ciência, num sentido específico. Ela é filha do Positivismo. Nasceu da vontade de emancipar o conhecimento dos credos religiosos e da especulação metafísica. Mediante uma rigorosa fidelidade aos fatos, também se esperava atingir nesse campo a objetividade de que eram modelo as ciências naturais, empíricas por um lado e matemáticas por outro”.

(HORKHEIMER, M. & ADORNO, T. *Temas básicos de sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973, p. 11)

Segundo o texto acima, no que se refere à epistemologia de Comte, é correto afirmar que

- (A) a Sociologia é uma ciência empírico-matemática.
- (B) a Sociologia só passa a se constituir como uma ciência rigorosa a partir de 1830.
- (C) só é possível à Sociologia ser uma ciência positivista.
- (D) a Sociologia, por oposição à especulação filosófica, é avessa à teoria.
- (E) a Sociologia, ao seguir o modelo moderno das ciências naturais, situa-se na tradição cartesiana e newtoniana.



- 25 “Retomemos a nossa investigação e procuremos determinar, à luz deste fato de que todo conhecimento e todo trabalho visa algum bem, quais afirmamos ser os objetivos da ciência política e qual é o mais alto de todos os bens que se podem alcançar pela ação. Verbalmente, quase todos estão de acordo, pois tanto o vulgo como os homens de cultura superior dizem ser esse fim a felicidade e identificam o bem viver e o bem agir com o ser feliz”.

(ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril cultural, 1984, p. 51)

Acerca da doutrina da virtude e da felicidade moral, é correto afirmar:

- (A) O filósofo defende que a felicidade é a condição da ação virtuosa.
- (B) Para o filósofo, é preciso acrescentar ou o bem agir ou o bem viver para que, só então, disso, resulte a felicidade.
- (C) Segundo Aristóteles, o bem agir e o bem viver devem ser descritos como condição da felicidade.
- (D) Aristóteles, em oposição a Platão, que defendia a ideia de que o bem tem que ter um valor em si, propõe uma alternativa mista, juntando felicidade e virtude, como síntese do bem agir.
- (E) O objeto da ciência política para Aristóteles era a felicidade resultante do fato de se bem viver.

- 26 “Não sendo o Estado ou a Cidade mais que uma pessoa moral, cuja vida consiste na união de seus membros, e se o mais importante de seus cuidados é o de sua própria conservação, torna-se-lhe necessária uma força universal e compulsiva para mover e dispor cada parte da maneira mais conveniente a todos. Assim como a natureza dá a cada homem poder absoluto sobre todos os seus membros, o pacto social dá ao corpo político um poder absoluto sobre todos os seus, e é esse mesmo poder que, dirigido pela vontade geral, ganha, como já disse, o nome de soberania”.

(ROUSSEAU, J-J. *Do contrato social*. São Paulo: Abril cultural, 1983, p. 48)

Com base no que escreve Rousseau, é correto afirmar:

- (A) O Estado, por meio do soberano, tem o direito irrestrito à coerção dos seus membros.
- (B) Os compromissos que unem os membros sob o Estado são obrigatórios.
- (C) Como membro do corpo social, o indivíduo renuncia a tudo, menos a sua liberdade natural e a sua conservação.
- (D) O poder absoluto do soberano, dispondo de uma força universal, determina por esse meio como cada membro reunido deve exercer sua liberdade individual.
- (E) O exercício da soberania exige que o Estado aja compulsivamente sobre os súditos, como o exige o pacto social.

- 27 “Para dizer se algo é belo ou não, referimos a representação, não mediante o entendimento ao objeto para o conhecimento, e sim, mediante a imaginação (unida quiçá com o entendimento), ao sujeito e ao sentimento de prazer ou de desprazer do mesmo. O juízo de gosto não é, pois, um juízo de conhecimento; portanto, não é lógico, e sim estético, entendo por isso aquilo cujo fundamento de determinação só pode ser subjetivo”.

(KANT, I. *Crítica del juicio*. Madrid: ESPASA-CALPE, 1989, p. 101/102)

A partir do exposto no texto, é possível concluir:

- (A) Segundo o autor, o juízo de gosto é um enunciado da imaginação.
- (B) Para Kant, é considerado belo aquilo que une o entendimento ao sujeito no sentimento.
- (C) No juízo de gosto, a representação referida ao sujeito faz desse juízo uma ação subjetiva do pensamento.
- (D) Do ponto de vista lógico, o juízo de gosto é o próprio sentimento de prazer ou desprazer.
- (E) Um juízo de conhecimento, além de ser lógico, apoia-se na forma transcendental do objeto estético.



- 28 “Na relação com a realidade empírica, a arte sublima o princípio, ali atuante do *sese conservare*, em ideal do ser-para-si dos seus testemunhos; segundo as palavras de Schönberg, pinta-se um quadro, e não o que ele representa. Toda a obra de arte aspira por si mesma à identidade consigo, que, na realidade empírica, se impõe à força a todos os objetos, enquanto identidade com o sujeito e, deste modo, se perde. A identidade estética deve defender o não-idêntico que a compulsão à identidade oprime na realidade”.

(ADORNO, T, *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 15)

Acerca do vínculo entre arte e realidade, segundo o texto, analise as afirmativas seguintes.

- I Para Adorno, a arte é a expressão ideal e autônoma do real.
- II Levando em consideração o poder avaliativo da Lógica, Adorno propõe o princípio de identidade como aquilo que aproxima arte e realidade, embora em um caso isso vise diretamente ao idêntico e, no outro caso ao não idêntico.
- III Para o autor, a natureza da representação artística a leva à idealização da representação do real, só idêntica a si mesma.
- IV Na perspectiva adorniana, a arte é uma extensão idealizadora do real, o que faz dela, de certa forma, seu contraponto justificador e afirmador.

Estão corretas

- (A) I e II, somente.
- (B) I e III, somente.
- (C) III e IV, somente.
- (D) I, II e III, somente.
- (E) I, III e IV, somente.

- 29 “Por conceito da razão prática, entendo a representação de um objeto enquanto efeito da liberdade. Ser um objeto do conhecimento prático enquanto tal significa, pois, unicamente a relação da vontade com a ação mediante a qual este objeto ou seu contrário seria realizado; e julgar se alguma coisa é ou não um objeto da razão *pura* prática é apenas a distinção entre a possibilidade ou impossibilidade de *querer* essa ação pela qual, se para ela tivermos poder (acerca do que a experiência deve julgar), um certo objeto se realizaria”.

(KANT, I. *Crítica da razão prática*, Lisboa: Edições 70, 1986, p. 71)

No que toca à racionalidade prática, segundo Kant, analise as afirmativas seguintes.

- I A liberdade é uma forma de causalidade.
- II Para o autor, o objeto prático é um conceito.
- III O objeto da filosofia prática é a própria ação realizada.
- IV Como o objeto prático depende do que a experiência deve julgar, nele se expressa a determinação concreta do querer.

Estão corretas

- (A) I e II, somente.
- (B) I e III, somente.
- (C) II e III, somente.
- (D) III e IV, somente.
- (E) I, III e IV, somente.



- 30 “... todos os homens que diferem entre si para pior no mesmo grau em que a alma difere do corpo e o ser humano difere de um animal inferior (e esta é a condição daqueles cuja função é usar o corpo e que nada melhor podem fazer) são naturalmente escravos, e para eles é melhor ser sujeitos à autoridade de um senhor, tanto quanto o é para os seres já mencionados. É um escravo por natureza quem é suscetível de pertencer a outrem (e por isso é de outrem), e participa da razão somente até o ponto de apreender esta participação, mas não a usa além deste ponto”.

(ARISTÓTELES, *Política*, Brasília: UnB, 1988, p. 19)

Em relação ao que diz Aristóteles no trecho citado acerca da escravidão, analise as afirmativas seguintes.

- I Para ele, alguns homens nasceram para ser escravos.
- II A escravidão vem da necessidade que sente um homem de submeter-se a outro.
- III O escravo é um animal inferior que apenas segue seus instintos.
- IV É escravo todo homem que não faz uso pleno da razão.

Estão corretas

- (A) I e II, somente.
- (B) I e III, somente.
- (C) I e IV, somente.
- (D) I, II e III, somente.
- (E) I, II e IV, somente.

HISTÓRIA

- 31 Afirmava o filósofo grego Aristóteles em sua obra *Política* que “Quem se dispõe a tornar-se um bom chefe, deve primeiro ter servido a um chefe”.

(Ver Aristóteles (*384 +322 a. C.) Citação retirada de BARELLI, Ettore (org.). *Dicionário das citações*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 501).

Pela citação anterior, percebe-se que existia no mundo grego antigo um sério debate sobre a melhor forma de governar e fazer política. Com base no que se conhece sobre as diferenças entre as formas de governo político em Atenas e Esparta, é correto afirmar:

- (A) "Oligarkhía", cujo significado literal é “governo de poucos”, prevaleceu em Atenas, isto porque a democracia só era aceita para uma pequena parcela da população livre, deixando alheia a ela os escravos e estrangeiros.
- (B) Democracia era a junção de “demo” = povo e “cracia” = governo. Foi implantada em Atenas, por volta de 510 a.C. após as reformas de Clístenes, que visavam a resolver graves conflitos sociais decorrentes da estratificação social, mas não atingiu todos, excluindo mulheres, escravos e estrangeiros.
- (C) Patriarcado é a junção do termo “patriarca” = chefe de família com a terminologia “ado”, aqui identificada como o que governa. Assim, em Esparta antiga do período clássico, o regime político era patriarcal, centrado em clãs que se organizavam hereditariamente e viviam em guerras.
- (D) “Eforato”, que significava governo do Conselho dos Éforos, era como Esparta se governava. Este Conselho formava um colégio que era eleito democraticamente pela Apela. Detinha amplos poderes, sendo responsável por presidir assembleias, decretar guerras e fiscalizar o Estado.
- (E) Democracia (demo=governo e “cracia” = do povo) era a forma de governar em Atenas, que estabeleceu pela primeira vez um regime igualitário para todos os cidadãos e estrangeiros naturalizados e até escravos, desde que em estado de emancipação.

32 Observe a imagem abaixo e responda à questão proposta sobre as relações de hierarquia na Europa feudal.



Posse de um cavaleiro

(Iluminura dos estatutos da Ordem do Nó, fundada em 1352 por Luigi I de Nápoles.

Ver Luigi I di Napoli nell'atto di investitura feudale)

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b52504405g/f22.image> Acessado em 20 09 2019.

A fidelidade vem do latim *fidelitas* e denotava na Idade Média a fidelidade devida por um vassalo ao seu senhor feudal. Antes que um senhor feudal pudesse conceder terras (um feudo) a alguém, ele tinha que fazer dessa pessoa um vassalo. Isso era feito em uma cerimônia formal e simbólica chamada cerimônia de louvor, composta pelo ato de duas partes: de homenagem e de juramento de lealdade. Daí surgiram cerimônias como as de posse de cavaleiros medievais, como a representada na iluminura anterior. Por esta cerimônia e em seu ato simbólico, os vassalos obrigavam-se a

- (A) atender a chamadas para o serviço militar, cuidar da manutenção e produção do feudo, pagando obrigações ao senhor. Já o senhor do feudo deveria garantir segurança e ajuda militar para manutenção do feudo e da cristandade.
- (B) trabalhar para receber em troca a alimentação e um soldo. Os senhores feudais deveriam organizar a produção e cobrar impostos para que os escravos e servos pudessem trabalhar sem maiores preocupações.
- (C) produzir todos os alimentos, caça e pesca necessários para a manutenção do feudo. Os senhores feudais garantiam a segurança interna e externa dos feudos, além de alimentarem e cederem local de moradia para seus trabalhadores escravos e servos.
- (D) entregar toda a produção ao senhor feudal e a protegê-lo dos vândalos pagãos e cristãos. Já os senhores feudais deveriam abençoar seus vassalos, rendendo-lhes homenagens e lhes dando direito de trabalho e posse em suas terras, com o propósito de torná-las férteis e produtivas.
- (E) beijar regularmente a mão do senhor feudal, pagar-lhe tributos pela colheita e uso de moedas ou travessia de rios. Em troca, o senhor feudal os ajudava com as sementes e os organizava militarmente para defesa, armando-os para guerra, como se vê na iluminura.



33 Sobre a estrutura da sociedade feudal, escreveu o historiador Jacques Le Goff:

“A sociedade medieval foi, mais do que muitas outras, uma sociedade de oposição. A cristandade que a formava foi muitas vezes representada por esquemas binários: bons/maus, superiores/ inferiores. Todavia com o tempo, tomou-se consciência de que a sociedade ia se tornando mais complexa. Ausente na Bíblia, surge no Ocidente cristão nos séculos IX e X uma ideia de sociedade cristã distinta por três componentes: *oratores, bellatores e laboratores*, ou seja, os que rezam, os que combatem e os que trabalham”.

(Texto adaptado de Jacques Le Goff. *O Homem medieval*. Lisboa: presença, 1989, p. 15)

Quanto a esta organização social tripartida medieval, é correto afirmar que estes elementos correspondem respectivamente

- (A) aos padres regulares, como franciscanos e beneditinos, aos soldados dos reis medievais e aos escravos de origem africana e asiática.
- (B) aos bispos e arcebispos da cúpula local das igrejas, aos senhores feudais com os soldados dos bispos e aos servos da gleba treinados pelos soldados.
- (C) aos padres e freiras seculares, aos senhores feudais com seus filhos homens sagrados cavaleiros e aos servos da gleba e seus escravos.
- (D) aos clérigos, frades e madres regulares, aos senhores feudais com seus cavaleiros e amazonas e aos servos da gleba com suas famílias e escravos.
- (E) aos clérigos regulares e seculares (padres e frades), aos senhores feudais com seus cavaleiros medievais e aos servos da gleba.

34 Oliver Cromwell teve uma vida atribulada e morreu de febre em 1658. Seu filho não durou muito tempo no poder e em 1659 o Parlamento restabeleceu Carlos II da Inglaterra como rei. Em 1661, o corpo de Cromwell foi sujeito ao ritual de execução póstuma. Seu corpo ficou pendurado em correntes, até que foi jogado em um poço. Sua cabeça decapitada foi exibida à entrada da Abadia de Westminster até 1685. Mas a memória de Cromwell foi pouco a pouco reabilitada. No século XVIII, sua imagem puritana e radical foi diminuída e nascia outra mais republicana. Em 1849, o historiador Thomas Carlyle o apresentou como um herói na batalha entre o bem e o mal: um modelo para restaurar a moralidade. Sua imagem passou a agradar os não conformistas. Já entre 1937 e 1947, autores como Abbot começaram a afirmar que Cromwell era um profascista. Mas Leon Trotsky (líder comunista) equiparou Cromwell a Lenin, argumentando que "Lenin seria um proletário Cromwell do século XX".

(Texto adaptado do site da Enciclopédia National Geographic.

https://www.nationalgeographic.com/es/historia/actualidad/oliver-cromwell-un-rey-sin-corona_7579

Acessado em 19/09/2019).

O texto mostra muitas faces do mesmo homem Oliver Cromwell. Observando-se atentamente as mudanças, percebe-se uma linha de continuidade em todos os argumentos. Ela existe porque a vida de Cromwell foi uma só e – por mais interpretações que se faça ao longo do tempo – todos podem concordar que o ponto central da vida deste personagem se assenta no fato de ele se definir por ser um

- (A) político parlamentarista. Assim Cromwell era, sobretudo, um liberal republicano e constitucionalista ferrenho, lutando contra uma monarquia absoluta de direito divino, que se sustentava na exploração dos camponeses puritanos e católicos, que ele defendia.
- (B) político e militar antiabsolutista, contestador da origem do poder político católico e divino. Cromwell pode ser visto como puritano, republicano, herói nacionalista, ou defensor de um Estado forte (de direita ou de esquerda), mas acima de tudo foi contrário ao absolutismo católico.
- (C) militarista e centralizador absolutista. Cromwell lutou em guerras navais e seu poder nasceu de sua ação militar que o habilita para todas as demais interpretações ao longo do tempo, sobretudo aquelas que o relacionam a um ditador político, que o constituiu centralmente quando ele vivia e que marcou sua horrível decapitação depois da sua morte.
- (D) republicano antirrealeza constitucional e parlamentar. Apesar de muitas diferenças ao longo de sua trajetória que possibilitam diversas interpretações sobre o significado de sua vida, Cromwell era um republicano convicto e defensor da constituição, mesmo que fosse feita por um parlamento imposto por militares e certamente sem a presença do monarca.
- (E) republicano e radical puritano. Cromwell se caracteriza por sua religião radical e seu republicanismo forte e centrado no ódio a qualquer forma de governo monárquico, por isso foi reabilitado no final do século XVIII em diante com o fim das monarquias absolutistas. Também sua posição puritana é vista sempre como símbolo de honestidade.

- 35 Observe a pintura abaixo e responda à questão proposta sobre o absolutismo e seus agentes na França do Antigo Regime.



O Cardinal Richelieu no cerco à praça de La Rochelle em 1627-28

(Pintura romântica de Henri-Paul Motte datada de 1881.

Ver Henri-Paul Motte La Rochelle, Musee 'Orbigny-Bernon)

<https://www.kunstkopie.de/a/motte-henri-paul/richelieu-1585-1642-on-th.html> Acessado em 20 09 2019.

A pintura acima foi feita em 1881. Nela, seu autor romântico expôs a emoção do Cardinal Richelieu na tomada da praça huguenote de La Rochelle em 1628. A batalha ali representada tratava de um evento da guerra entre as forças católicas de Luís XIII da França e os huguenotes de La Rochelle. À direita, o pintor descreve a armada espanhola atirando na inglesa. Já no porto estava o Cardinal francês e a cúpula da igreja católica francesa rezando pela vitória franco-espanhola. Esta tela histórica reafirmava no século XIX a força da monarquia absoluta francesa do século XVII. Nela o aspecto central deste fortalecimento do poder régio pode ser visto na cena do Cardeal Richelieu pintado

- (A) com uma mão no peito e outra na cintura perto da sua espada, procurando dizer que faria guerra contra os huguenotes protestantes até sua morte e que lutaria pelo rei católico Luís XIII juntamente com seus bispos, mesmo que tivesse que se associar aos ingleses e espanhóis que ali batalhavam contra os franceses.
- (B) com as mãos no peito emocionado ao ver os ingleses (aliados dos franceses) atacarem navios espanhóis huguenotes, destruindo na França o poder religioso e econômico das famílias protestantes e judias que governavam a região, impedindo o estabelecimento do governo absoluto francês de Luis XIII.
- (C) olhando tristemente os navios espanhóis bombardeando os ingleses e pensando que ele (Cardeal e primeiro ministro do rei francês) ainda teria que derrotar os espanhóis para impor o poder absoluto francês representado pelo catolicismo do novo monarca Luís XIII.
- (D) olhando para a batalha naval anglo-espanhola em um mar revolto e torcendo pela vitória espanhola. Esta vitória significaria vencer as batalhas religiosas (entre o catolicismo e o protestantismo), mas também ganhar as batalhas políticas e econômicas e impor uma monarquia católica de direito divino na França.
- (E) observando a guerra naval entre espanhóis e ingleses, na qual os ingleses resistiam bravamente e impediam o firme propósito francês de fortalecer o rei católico Luís XIII e sua monarquia esclarecida e de direito divino e papal.



- 36 Leia o trecho abaixo, que reflete sobre as novas descobertas arqueológicas relativas aos hominídeos no território africano da atual Argélia, e responda à questão proposta.

A revista científica *Science* publicou um artigo que pode alterar a forma como os cientistas enxergam a presença de hominídeos na África. (...) Os novos dados indicam ou uma dispersão dessas ferramentas da África Oriental para outras regiões do continente ou o surgimento da manufatura desses itens em múltiplos locais em um período parecido. Essa região da África é considerada o berço do uso de itens de pedra, muito usados por nossos ancestrais hominídeos. Os exemplos mais antigos dessas peças dos quais temos conhecimento vêm de 2,6 milhões de anos atrás. (...) A nova pesquisa liderada pelo Centro Nacional de Investigação sobre a Evolução Humana (CNIEH) apontou para novas evidências (especificamente artefatos de pedra e ossos de animais) que são quase meio milhão de anos mais velhos do que as peças que se conhecia anteriormente. Os itens foram encontrados na porção leste da Argélia, ao norte do território, e aparentam ser de 1,9 a 2,4 milhões de anos atrás. (...) A nova descoberta torna o local em que as ferramentas foram encontradas o lugar mais antigo do norte da África a apresentar provas do uso de ferramentas por parte dos hominídeos.

(Sabrina Brito. *Revista Veja*, 2 de dezembro de 2018. Site <https://veja.abril.com.br/ciencia/presenca-de-hominideos-no-norte-da-africa-e-mais-antiga-do-que-se-pensava/> Acessado em 19 09 2019).

O valor da descoberta feita em 2018 pela CNIEH reside em questões sobre quanto tempo os homens (ou seus antepassados hominídeos) levaram para aprender a usar ferramentas e em que local esta aprendizagem teria ocorrido. Estes dados são importantes porque colocam o continente africano e suas gentes em um novo patamar. As pessoas do continente africano atual – tantas vezes estigmatizadas preconceituosamente, vistas como “atrasadas” e dependentes de nações europeias ou americanas – devem ser consideradas nos estudos atuais arqueológicos, como centrais na evolução humana e percebidas

- (A) Intelectual e tecnologicamente desenvolvidas dentro dos parâmetros da CNIFH, pela aprendizagem precoce dos hominídeos argelinos no uso dos artefatos de pedra e ossos de animais como instrumentos de melhoria nas condições de vida humana e percebidas.
- (B) geneticamente, o que proporcionaria aos brancos da atual Argélia – segundo o estudo da CNIEH – a capacidade motriz para se aprender a utilizar instrumentos de corte e de perfuração, como as pedras polidas e os ossos lascados encontrados pelos pesquisadores.
- (C) socialmente, na medida em que os estudos da CNIEH demonstram que, embora biologicamente inferiores, os hominídeos encontrados eram evoluídos para se relacionarem com outros povos nórdicos que já estavam lascando e polindo pedras e eram biologicamente superiores.
- (D) racialmente, já que pelos estudos da CNIEH se comprova que a pele negra seria condição social primordial para que se desenvolvesse em território da atual Argélia hominídeos inteligentes o bastante para lascas e polir pedras e ossos.
- (E) como biológica e etnicamente superiores, pois os atuais estudos demonstram que os hominídeos de origem africana têm genes evoluídos para desenvolverem habilidades motoras superiores às daqueles de outros continentes.



- 37 Segundo Carlos Moore Wedderburn, há pelo menos quatro bases para superar a visão colonialista e que se deve demarcar para se escrever e ensinar em sala de aula uma nova história da África. São elas: 1) Positivar a África como berço da humanidade; 2) Identificá-la também como berço das primeiras civilizações sedentárias e cidades antigas; 3) Demarcá-la como alvo de escravidão racial e tráfico negreiro transoceânicos e 4) Problematizá-la como alvo de mitos raciológicos, especialmente em tempos imperialistas. Para cada uma destas bases é necessário implementar novas formas de trabalho didático e utilizar diferentes fontes de pesquisa. No campo didático, pode-se acertadamente nomear que é fundamental ao novo historiador analisar o conteúdo da história do continente africano, estabelecendo como matrizes um estudo do continente de forma
- (A) simultânea, ligando a história da escravidão no Brasil com a da África, recuperando os momentos-chaves da espoliação do continente americano e de seus homens de estado contra os vitimados povos e nações africanas. O centro de todos os estudos é a história do tráfico transoceânico e a formação da sociedade escravista no Brasil.
- (B) separada, vendo didaticamente a história do Brasil e depois a da África para em um segundo momento unir as duas histórias e denunciar práticas de preconceito racial e étnico que derivavam do processo exploratório colonial e pós-colonial nos dois continentes, como autônomos.
- (C) autônoma, separando os diferentes povos africanos e suas histórias da história da civilização branca e ocidental. Aqui se critica uma persistente tradição linear e anedótica que vê as gentes do continente africano como um bloco inerte e sem dinamismo social, ou sem comunicação entre si, sobretudo sem relação entre suas histórias e crenças mitológicas.
- (D) antieurocêntrica, procurando construir uma história na qual a participação dos europeus é minimizada diante dos atos e fatos vivenciados pelos povos do continente africano em sua relação com os ameríndios e outros povos de continentes como a Oceania, todos eles pobres e oprimidos.
- (E) isenta de preconceitos étnicos, com a didática de trabalhar (entre alunos e professores) a ideia de uma história africana que reúna todos os diferentes povos africanos ao longo de sua história numa trajetória de lutas sociais e políticas e que dialogue com as outras culturas e povos dos outros continentes, denunciando explorações e preconceitos.
- 38 Leia o trecho que se segue sobre a política de “resgate” indígena no Brasil colonial e responda à questão proposta relativa à escravidão e ao trabalho livre nesta sociedade.

A escravização decorrente de resgate, herdada do direito romano, estava profundamente ancorada em regras de direito correntes no período colonial, sendo reconhecida como lícita até mesmo pelo Padre Antônio Vieira, defensor da liberdade dos índios. Nesse período o conceito do resgate vê-se reforçado pela ideia de que, além da vida, salva-se a alma de prisioneiros condenados à morte e à perdição. Estes indivíduos “presos à corda”, como dizem os documentos, são cativos legítimos em várias normas legais entre os séculos XVI e XVIII. O problema sempre estava nas diferentes disposições das leis que legitimavam esta prática.

(Texto adaptado de Maria Beatriz Nizza da Silva. Resgate. *Dicionário da colonização portuguesa no Brasil*. Lisboa: Verbo, 1994, p. 698-699).

De acordo com o trecho acima, é correto afirmar que a prática do “resgate” ou da prisão à corda era uma forma de uso de mão de obra indígena no Brasil colonial que se sustentava de maneira legítima e justificada

- (A) nas leis e normas sem contestações ao longo de todo processo colonizador, já que se pensava que este suposto “resgate” salvava não só o corpo dos indígenas, mas também sua alma.
- (B) em termos jurídicos e de justificativa sagrada e ideológica, pois neste universo se salvariam almas do paganismo e corpos da morte antropofágica. Mas os meios de fazer este “resgate” e seus agentes permitidos variaram muito e foram alvo de disputas políticas e sociais ao longo do tempo.
- (C) para o uso de mão de obra indígena como trabalhadores entre os jesuítas, como desejava padre Vieira, mas ilegítima para os demais moradores coloniais. Disso surgem disputas e guerras entre colonos e jesuítas até a expulsão dos segundos no século XVIII quando se passou a escravizar os índios.
- (D) para a Coroa lusitana e ilegítima para os vários povos indígenas que lutaram para não serem escravizados pela política de prisão “à corda”. Em processos de negociações e conflitos, estes povos ora obtiveram conquistas quando se aliaram aos jesuítas, ora perderam seus direitos quando estes jesuítas foram expulsos.
- (E) para os povos indígenas considerados “bárbaros” pelos portugueses, mas ilegítima para aqueles tidos como “dóceis” ou “mansos”. Isto significava que bastava os portugueses dizerem que os índios eram agressores para se legitimar sua “prisão à corda” e o sucessivo processo de escravização sempre por tempo indeterminado.

39 Observe os dois mapas abaixo e responda à questão proposta sobre o tratado de Madri e a diplomacia colonial entre os portugueses e os espanhóis no século XVII e XVIII.



Mapa 01 - Fragmento de mapa, acima, publicado em 1589, durante a União Ibérica. O cartógrafo italiano Baptista Boazio mostra o que entendia ser a divisão das terras na América do Sul. O território do atual Brasil inclui todas as terras do lado oriental do Rio Paraguai e norte do Rio da Prata. (Ver site <https://www.historia-brasil.com/colonia/disputas-portugal-espanha.htm> Acessado em 18 09 2019).



Mapa 02 - América del Sur, 1759. Mapa espanhol estabelecendo as divisas territoriais entre Portugal e Espanha depois do Tratado de Madri.

(Ver site <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTGoXTzx5LwqT7MZ2V18mcVoop1UcG980teLNSq1Vs5zzYZ-FgmwA> Acessado em 20 09 2019).

Considerando os dois mapas apresentados e com base no que se conhece sobre a história diplomática e das disputas entre Portugal e Espanha pelos territórios americanos mais ao sul do continente entre os séculos XVII e XVIII, é correto afirmar que as fronteiras portuguesas e espanholas foram demarcadas em um processo pautado pelo/pela



- (A) assinatura do tratado de Madri, que foi difícil de ser negociado nos século XVIII (ver mapa 01), mas que, uma vez concluído (ver mapa 02), delimitou bem as linhas divisórias, como está claro no mapa espanhol de 1759.
- (B) manutenção dos lusitanos nos limites do tratado de Tordesilhas (ver mapa 01) e seu expansionismo militar no século XVIII que levou a disputas e à assinatura do Tratado de Madri (ver mapa 02).
- (C) expansionismo espanhol no século XVI (ver mapa 01) que se aproximou da atual costa brasileira na parte sul do continente no Atlântico e seu confronto com a linha expansionista lusitana no século XVIII para a fronteira norte no rio Amazonas (ver mapa 02). Isto levou ao Tratado de Madri.
- (D) expansionismo espanhol e lusitano na América do Sul pela posse de seus dois maiores rios: da Prata, no norte do Brasil, e o rio Negro e Amazonas no Sul do mapa (ver mapa 02). Isto levou a disputas diplomáticas e a assinaturas do tratado de Madri.
- (E) expansionismo português durante o processo de União Ibérica até 1640 (ver mapa 01), o que acarretou longas negociações que levaram ao Tratado de Madri, que não foi definitivo, mas demarcou mais claramente as fronteiras coloniais espanhola e portuguesa da América do Sul (ver mapa 02).

40 Em 1861, o intelectual e cónego Joaquim C. F. Pinheiro escreveu um estudo histórico sobre o movimento republicano de Pernambuco em 1817. Seu estudo mudou a forma de compreender a Revolução Pernambucana. O autor elogiava o comandante português que destruiu os revolucionários, mas sobre os ideais desses revolucionários escrevia: “Parece-nos o programa da República de Pernambuco de 1817 igual a de Platão, sendo utópica mais não incongruente”.

(Texto adaptado de Maria da Glória de Oliveira. Brasileiros ilustres no tribunal da posteridade. Biografia, memória e experiência da história no Brasil oitocentista. *Varia História*, vol. 26, núm. 43, junho, 2010, p. 283-298, site http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752010000100015&script=sci_abstract&tlng=pt Acessado em 19/09/2019).

Julgar os republicanos de 1817 como utópicos (mas não incongruentes) fazia sentido no Brasil Imperial de 1861, pois o cónego relacionava o movimento republicano de 1817 a uma

- (A) primeira tentativa de independência de Portugal, mas seria uma tentativa utópica, por ser republicana e com ideais abolicionistas.
- (B) liberdade política mais ampla e irrestrita com a cidadania plena aos escravos de origem africana, tal como pensava Platão.
- (C) monarquia constitucional e livre de escravidão social, com uma cidadania mais ampla do que aquela instaurada pela república em que vivia o autor cónego Fernandes Pinheiro.
- (D) liberdade de expressão irrestrita em uma república de eleitos como a de Platão, utópica, porque o Brasil e Pernambuco tinham escravos.
- (E) ideia de igualdade política e social entre todos os homens e mulheres independentemente de seu sexo ou cor, o que feria os ideais burgueses e liberais de autores como o cónego Fernandes Pinheiro.